

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**NATAL DOS REIS ALVES**

**A INDISCIPLINA ESCOLAR E SEUS DESAFIOS NA  
FORMAÇÃO DOCENTE: uma reflexão sobre suas  
causas e a importância dos limites**

# **NATAL DOS REIS ALVES**

## **A INDISCIPLINA ESCOLAR E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: uma reflexão sobre suas causas e a importância dos limites**

Monografia apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação do Curso de Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Kenya Junqueira Cardoso.

37.091.5

ALVES, Natal dos Reis

A47i

A indisciplina escolar e seus desafios na formação docente: uma reflexão sobre suas causas e a importância dos limites./Natal dos Reis Alves - Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Kenya Junqueira Cardoso. Patos de Minas/MG: [s.n.], 2010. 43 p. il

Monografia de Graduação - Faculdade Patos de Minas.

Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

1. Ciências Biológicas. 2. Indisciplina Escolar. 3. Formação docente. I. Natal dos Reis Alves II. Título.

## **NATAL DOS REIS ALVES**

# **A INDISCIPLINA ESCOLAR E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: uma reflexão sobre suas causas e a importância dos limites**

Monografia aprovada em \_\_\_\_\_ de novembro de 2010, pela comissão examinadora constituída pelos professores:

Orientador: \_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Esp. Kenya Junqueira Cardoso.

Faculdade Patos de Minas

Examinador: \_\_\_\_\_  
Prof. MS Fredston Gonçalves Coimbra.  
Faculdade Patos de Minas

Examinador: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Hugo Cristiano Soares Melo.  
Faculdade Patos de Minas

Dedico a minha esposa,  
minhas filhas e aos meus pais.

Agradeço a Deus, por ser minha infinita fonte de sabedoria. A minha esposa Joana pelo imenso amor e companheirismo. As minhas filhas pelo amor incondicional Aos meus pais pelo carinho e dedicação constantes. A minha orientadora professora Esp. Kenya Junqueira Cardoso pela disponibilidade, atenção e orientações. A minha professora Esp. Luciana pela atenção, orientações e disponibilidade. A todos os professores pelos saberes transmitidos. A todos os colegas pela vivência em sala de aula.

*A verdadeira felicidade não é fazer o que se quer, mas é querer sempre o que se faz. (autor desconhecido).*

## RESUMO

O presente estudo voltou-se para atender seu objetivo geral que consistiu em analisar a influência da indisciplina escolar no desenvolvimento educacional na formação dos alunos com vistas a refletir sobre suas causas e a importância dos limites neste processo. Bem como, considerou-se as observações feitas no estágio supervisionado propondo-se com as mesmas um paralelo entre teoria e prática. Logo, o presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva. Desse modo, as observações realizadas no estágio supervisionado revelaram uma realidade aparentemente difícil de ser controlada, pois deparou-se com classes de alunos totalmente indisciplinadas, nas quais a sala de aula é palco de demonstrações de desafeto, risadas debochadas, algazarras e total desrespeito ao saber, a escola, e, sobretudo, ao professor. Diante disso, a literatura estudada permitiu compreender que a indisciplina em sala de aula é um assunto muito complexo e o estudo de suas causas precisa envolver a análise de diversos aspectos. Sendo assim, para repensar e buscar contornar a questão da indisciplina pode-se pensar em compreender o aluno-problema como um porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula; fazer des-idealização do perfil de aluno; analisar sobre a fidelidade ao contrato pedagógico; realizar a experimentação de novas estratégias de trabalho, e a última regra ética é a idéia de que a competência e o prazer são os valores básicos que devem presidir a ação em sala de aula. Considera-se que o estudo realizado foi bastante proveitoso e esclarecedor, pois para futuros educadores torna-se imprescindível compreender as particularidades que permeiam a indisciplina.

**Palavras-chave:** Indisciplina escolar. Prática Pedagógica. Encaminhamentos Preventivos



## **ABSTRACT**

This study was focused to meet its overall goal which was to analyze the influence of school indiscipline in educational development in the training of students in order to reflect on its causes and significance of boundaries in this process. As well, it was considered the observations made in proposing supervised training with the same parallels between theory and practice. Therefore, this study deals with a bibliographical and descriptive. Thus, the observations made during supervised training revealed a reality apparently difficult to control because it was faced with classes of students totally undisciplined, in which the classroom is the scene of demonstrations of disaffection, mocking laughter, bluster and total disregard to namely the school, and especially the teacher. Given this, the literature studied could understand that indiscipline in the classroom is a very complex subject and the study of its causes must involve the analysis of various aspects. Therefore, to rethink and seek to circumvent the issue of indiscipline can think to understand the problem as a student-spokesman of established relationships in the classroom, making de-idealization of the student profile, analyze the fidelity of the contract teaching, performing testing new strategies to work, and the last rule of ethics is the idea that the power and pleasure are the basic values that should govern the action in the classroom. It is considered that the study was very useful and enlightening, since for future educators becomes essential to understand the particularities that pervade the discipline.

**Keywords:** School indiscipline. Pedagogical Practice. Referrals Preventive

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

<b>Figura 1</b>	Três dimensões da gestão de estratégias em sala de aula.....	33
<b>Quadro 1</b>	Distinção: Indisciplina e Doença Mental.....	19
<b>Quadro 2</b>	Cinco regras éticas.....	25
<b>Quadro 3</b>	Características: professor autoritário e professor com autoridade....	27
<b>Quadro 4</b>	Como enfrentar os "rebeldes".....	29

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>13</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPITULO 1 - A indisciplina no espaço escolar: teorias e reflexões.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPITULO 2 - Os desafios da indisciplina na prática pedagógica.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPITULO 3 - O processo da indisciplina: encaminhamentos preventivos.....</b>	<b>30</b>
<b>4 DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O conceito de indisciplina possui uma complexidade que deve ser considerada, e um entendimento amplo da indisciplina escolar precisa reunir diversos aspectos. Há possibilidade de estabelecer a indisciplina no contexto das condutas dos alunos em diferentes atividades pedagógicas. Também pode-se entender a indisciplina a partir dos processos de socialização e relacionamentos que os educandos exercem no meio escolar. Além disso, é necessário pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. (GARCIA, 1999).

Conforme Garcia (1999) a indisciplina escolar não é um fenômeno estático, e tem esta tem evoluído nas escolas, parecendo ser, portanto, mais difícil para os professores solucioná-la de modo efetivo. Mas, a escola ainda encontra-se mal aparelhada para lidar com “alunos indisciplinados”, e com expressões coletivizadas de indisciplina.

Nessa perspectiva, entende-se que o trabalho que se propôs pode elucidar aspectos referentes a influência da indisciplina escolar na formação dos alunos, com vistas a refletir sobre suas causas e a importância dos limites.

Considera-se este tema além de importante, proveitoso para futuros profissionais que pretendem atuar em sala de aula, já que o mesmo ampliará a visão para compreender como o docente pode por meio de sua formação, contribuir para minimizar os problemas desencadeados pela indisciplina escolar.

Formulou-se para o trabalho o seguinte problema: Como o docente pode através de sua formação contribuir para minimizar os problemas desencadeados pela indisciplina escolar?

Partiu-se da hipótese de que a indisciplina escolar influencia na formação dos alunos e que o docente pode através de sua formação auxiliar para que os problemas enfrentados em sala de aula sejam superados.

O presente trabalho discorre acerca da indisciplina escolar e seus desafios na formação do docente, fato que tem levantado grandes discussões no âmbito das escolas, tornando-se a cada dia um fator instigante para os educadores e profissionais escolares, que na maioria das vezes não sabem como agir para evitá-la ou diminuí-la. Assim sendo, essa pesquisa pode ser relevante para professores,

comunidade escolar e demais áreas afins, que terão a oportunidade de apreciar considerações importantes relacionadas ao tema proposto.

A pesquisa que se propôs pode oferecer contribuições no sentido de proporcionar respostas a questão da indisciplina escolar, que é compreendida na atualidade como uma das queixas mais comuns entre os professores em relação ao exercício de sua prática, fato que acaba por gerar dificuldades para os mesmos enquanto profissionais, tanto em sua atuação quanto para sua formação.

É manifesto que a contemporaneidade encontra-se mais do nunca na era do conhecimento, das descobertas e inovações. Considera-se que essa pesquisa tem o intuito de contribuir mesmo que, minimamente, para o avanço do conhecimento, o que sem dúvida é respeitável, pois a questão da indisciplina escolar tem sido um desafio para a formação do professor, já que a atual realidade exige dos educadores métodos mais eficientes para manter a ordem entre os alunos, o que acaba por exigir novas respostas teóricas para a ação do profissional, mantendo sua autoridade em sala de aula, de modo que a ética e os princípios de todos que estão envolvidos no processo sejam respeitados.

Enfim, propôs este estudo na certeza de sua contribuição a partir dos dados levantados, tanto com a pesquisa bibliográfica, quanto com as observações realizadas no campo de estágio para a questão da indisciplina escolar e seus desafios na formação do docente, visto que buscou-se refletir também sobre suas causas e a importância de haver limites no processo de educar.

Sendo assim, compreendeu-se que houve necessidade de se fazer uma apreciação crítica da influência da indisciplina na formação dos alunos, buscando com isso, abalizar uma nova linha de ação, permitindo-se elucidar esta realidade que tanto dificulta a prática do docente, como também a educação como um todo.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar a influência da indisciplina escolar no desenvolvimento educacional na formação dos alunos com vistas a refletir sobre suas causas e a importância dos limites neste processo.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Apontar como o professor poderá auxiliar na estruturação de uma disciplina eficiente em sala de aula;
- Apresentar considerações referentes aos desafios enfrentados na formação do docente para auxiliar no problema da indisciplina escolar;
- Verificar as causas da indisciplina escolar;
- Analisar a importância dos limites para os discentes em sala de aula e seus benefícios no desenvolvimento da aprendizagem.

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, que tem como objetivo analisar as contribuições dos autores quanto à temática em questão, sendo realizada inicialmente uma leitura exploratória, visando selecionar as considerações de vários autores, complementando com as observações realizadas no campo de estágio.

Nesse sentido, Gil (1991, p. 1) afirma que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido em algum tipo de trabalho, sendo então pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que propõem análises das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Cabe salientar que o material utilizado para a elaboração deste estudo, encontra-se disponível na biblioteca da Faculdade de Patos de Minas - FPM, e em artigos científicos postados em referenciados endereços eletrônicos tais como, SCIELO; SCRIBD; BRASIL ESCOLA; PLANALTO.GOV; PEDAGOBASIL. PAULOFREIRE; UFJF REMO PEPSIC entre outros.

Além de todos estes materiais que foram explorados como fonte bibliográfica, foi levado em consideração as observações realizadas no estágio supervisionado fazendo um paralelo entre teoria e prática, tentando demonstrar dessa forma, a influência da indisciplina no aprendizado dos alunos e as possíveis soluções que os docentes encontram no dia-a-dia perante suas experiências e conhecimentos adquiridos durante sua formação docente.

## **CAPÍTULO 1 - A INDISCIPLINA NO ESPAÇO ESCOLAR: teorias e reflexões**

A indisciplina é um assunto muito complexo, pois um amplo número de variáveis sociais, psicológicas, biofísicas, pedagógicas, entre outras, interferem no processo de ensino e aprendizagem e, por conseguinte nos comportamentos dos sujeitos envolvidos.

Garcia (1999), concorda com essa afirmativa, e revela em seu estudo que o conceito de indisciplina possui uma complexidade que necessita ser levada em consideração, pois uma compreensão satisfatoriamente ampla do conceito deve agregar vários aspectos.

Para essa autora, é possível situar a indisciplina no contexto das condutas dos alunos nas diferentes atividades pedagógicas, independente de ser dentro ou fora da sala de aula, mas também considerá-la a partir dos processos de socialização e relacionamentos que os educandos desempenham na escola, pensando a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

Aquino (1996) também assevera que o estudo sobre a indisciplina na sala de aula precisa envolver a análise de diferentes aspectos, tais como “as estruturas do poder na escola, as pressões e expectativas dos pais, a concepção dos professores em relação à construção de conhecimentos, e outros” (p. 126).

Partindo dessa perspectiva, Garcia (1999, p. 2) define indisciplina como

[...] a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes. Mas este modo de conceituação situa a indisciplina como uma disposição em relação a algum referencial. Assim, o conceito engloba um duplo movimento. Também do lado da escola pode ocorrer alguma incongruência em relação aos referenciais assumidos, de tal forma que também ela pode ser eventualmente considerada “indisciplinada”.

Face ao exposto, Garcia (1999) considera que é função da escola levar em conta as condições e desenvolvimento dos educandos e de suas necessidades, também afiançando as condições adequadas ao processo ensino aprendizagem.

O conceito de indisciplina



relaciona-se com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. (REGO, 1996, p. 84 *apud* ALMEIDA, 2009, p. 6)

Nas palavras de Ferreira (2004, p. 6), numa síntese conceitual a indisciplina escolar

[...] se apresenta como o descumprimento das normas fixadas pela escola e demais legislações aplicadas (ex. Estatuto da Criança e do Adolescente - ato infracional). Ela se traduz num desrespeito, “seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar (depredação das instalações, por exemplo). Ela se mostra perniciosa, posto que sem disciplina a poucas chances de se levar a bom termo um processo de aprendizagem. E a disciplina em sala de aula pode equivaler à simples boa educação: possuir alguns modos de comportamento que permitam o convívio pacífico.

Convém salientar que a indisciplina pode ser manifestada de várias formas, e embora a desordem e o barulho não sejam as únicas incidências, são as que mais se destacam na sala de aula. França (2010) diz que, normalmente, a indisciplina passa a ser percebida como um problema quando a sala começa “a pegar fogo” isto é, quando a indisciplina passa influenciar o comportamento dos educandos e é vista na “bagunça”, no “barulho”, na “falta de atenção” e de modo mais insultuoso na agressividade. Nessas ocasiões é que verdadeiramente a preocupação do docente aumenta e o faz refletir a respeito da indisciplina do aluno.

Mas para França (2010) é possível perceber a indisciplina muito antes dela transformar-se num problema comportamental como a bagunça ou a agressividade, que denota ausência de respeito com os estudos. O fato do aluno não acompanhar as aulas já é um forte sinal de indisciplina. Caso os docentes partam do princípio de que todo aprendiz quer aprender (ainda que essa aspiração esteja escondida no consciente), então podem concluir que é preciso ter organização e disciplina na sala de aula para o educando obter o aprendizado. A falta de disciplina e a ausência de organização nos estudos aparecem quando o estudante começa a perder a vontade própria de querer aprender, que com o decorrer do tempo torna-se um tédio, isto é, deixa de ser um anseio e passa a ser quase um sacrifício.

França (2010) explicita que o comportamento é vital para o adequado desenvolvimento das aulas. Logo, não pode ser desconsiderado pelos docentes, sobretudo quando se transforma num comportamento indisciplinado. Mesmo porque, normalmente, a indisciplina pode ser um sinal de alguma carência do aluno como,

por exemplo, a falta de compreensão do conteúdo, que gera a falta de interesse por estudar e permanecer prestando atenção à aula. Então, o tema indisciplina é muito importante, uma vez que influencia diretamente no processo ensino-aprendizagem.

Além disso, a “indisciplina dos estudantes pode, posteriormente, ter consequências graves para a sociedade, entre elas, a violência, a criminalidade e até mesmo envolvimento com drogas” (FRANÇA, 2010, p. 1).

Visando aprofundar essa questão, destaca-se as considerações de Estrela (1992 apud SILVEIRA et al 2003) que considera que as interferências da indisciplina no processo pedagógico começam a ser notadas nas suas implicações sobre o professor, pois, ao influenciar em seu trabalho, a indisciplina provoca-lhe mal-estar físico e psicológico, sendo possível gerar desgaste, irritação e limitação, não somente no trabalho pedagógico, como ainda na interação entre professor e aluno. O tempo que o professor leva para controlar a disciplina, o desgaste provocado pelo trabalho num ambiente de desordem, o sentimento de perda da eficiência da aula e a redução da auto-estima pessoal são fatores que desembocam no desânimo da profissão. Deste modo, a indisciplina exerce expressiva influência no processo pedagógico, prejudicando a aprendizagem do aluno e comprometendo a atuação do educador.

Ainda, conforme a autora, a dificuldade de se compreender as questões que abarcam a indisciplina decorre da questão dela ser um termo com diversos significados: objeto de estudo, castigo, regulamentos e obediência para reger a ordem numa coletividade. Para falar em indisciplina é preciso também ligá-la ao contexto sócio-histórico em que ela acontece uma vez que a indisciplina na escola vem sendo abordada segundo os modelos vigentes sobre a função da escola na sociedade (ESTRELA, 1992 apud SILVEIRA et al 2003).

A autora enfatiza que apesar de todas as mudanças pelas quais a escola passou até a atualidade, ainda permanecem os traços da escola tradicional, que resiste às transformações e que afere ao docente o título de único detentor do saber, quem tem a incumbência social de transmiti-lo, baseando-se sua autoridade nessa questão (ESTRELA, 1992 apud SILVEIRA et al 2003).

Diante disso, educadores, pais e alunos necessitam fazer uma reflexão a respeito da indisciplina a partir de diversos enfoques, e por essa razão, cada um seguramente vai apresentar diferentes concepções. A indisciplina do educando pode ser decorrência de diferentes circunstâncias e, cada uma tem seus pretextos de

existir, sendo assim, precisam ser sempre revistos pelos professores e pais. (FRANÇA, 2010).

Em correspondência, Garcia (1999) ao esclarecer sobre algumas características da indisciplina, ressalta que atualmente a indisciplina escolar não se trata de um fenômeno estático, ao contrário, a mesma tem evoluído nas escolas.

Mas a indisciplina escolar é diferente daquela observada em décadas anteriores, hoje em dia ela apresenta expressões distintas, é mais complexa e “criativa” (grifo da autora), e parece aos docentes mais difícil de solucioná-la efetivamente. E a escola ainda está mal aparelhada para lidar com “alunos indisciplinados”, e então tem que lidar com expressões coletivizadas de indisciplina.

A legislação federal vigente, prioriza a formação de um aluno crítico, capaz de refletir e atuar na sociedade, e exercer ativamente sua cidadania. Sendo assim, a escola tem que desenvolver competências nos alunos buscando atender tais objetivos. No entanto, especialmente, no exercício do pensamento crítico sob a forma de contestação, por exemplo, “ao ser exercitado dentro da escola, resulta em situações de conflito quando os professores não gostam ou não estão preparados para lidar com alunos que recorrem a esta forma de expressão (GARCIA, 1999, p. 3).

O fato é que este aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repressão, não se conforma a aulas que considera “enfadonhas”, “desatualizadas”, “teóricas”, ou a relações “autoritárias”, “desumanas” ou “frias”, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplina, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação. (GARCIA, 1999, p. 3)

Ressalva-se que caso a escola deseje que tais alunos progridem o senso de cidadania, será preciso prepará-los para pensar e solucionar conflitos, ou desencadeará uma indisciplina no sentido de incapacidade para ordenar e participar das soluções para as questões sociais que transcorrem a instituição escolar (GARCIA, 1999).

Outra questão a ser considerada, é quando os estudantes vêm indisciplinados de casa e voltam da escola com certas condutas reforçadas, verificando que nesses dois ambientes a criança pode aprender a indisciplina, e também receber reforço de tal aprendizagem. No que tange, à escola, esta pode, por meio de várias relações desenvolvidas, reafirmar certas formas de indisciplina aprendidas em casa, mas

pode também proporcionar o espaço no qual se aprendam formas de indisciplina que serão, por sua vez, reforçadas em casa (GARCIA, 1999).

Por outro lado, Sampaio (2006) adverte que é fundamental distinguir indisciplina e doença mental. Em verdade, determinados sintomas psicopatológicos podem-se revelar por comportamentos destrutivos no contexto escolar tais como uma depressão, o adolescente pode proceder numa agressividade impulsiva, ter maus resultados escolares, entre características na quais a ansiedade juvenil pode se manifestar na impossibilidade de ficar longo tempo sentado numa sala de aula, os abusos de álcool e drogas podem manifestar-se em mau comportamento.

Diante disso, sugere-se algumas considerações, que serão apresentadas no quadro seguinte:

<b>DISTINÇÃO: INDISCIPLINA E DOENÇA MENTAL</b>	
<b>1</b>	O comportamento-doente é em regra individual. O estudante é sentido como «diferente» e as suas iniciativas (ou apatia) aparecem claramente diferenciadas das acções do grupo.
<b>2</b>	Os colegas habitualmente sabem a diferença e, ou tomam uma atitude de solidariedade activa, ou distanciam-se do problema. São raras as atitudes de «gozo» ou de estímulo a estes comportamentos doentios.
<b>3</b>	A dimensão temporal é muito importante. Rupturas marcadas face aos comportamentos anteriores e a sua constância no tempo são preocupantes. As situações de indisciplina estão mais ligadas ao contexto escolar, à experiência quotidiana e relacionadas com o momento da turma e da escola.
<b>4</b>	Se o aluno provém de uma família desagregada, se vive em situação difícil ou se existem doenças mentais na família, é mais provável a origem psiquiátrica do comportamento desajustado. No entanto, excesso de informação sobre a família do aluno pode paralisar a acção do professor. Em todas as circunstâncias é preciso analisar o comportamento indisciplinado e descortinar as suas causas. Em caso de dúvida, é melhor pecar por excesso do que por defeito e contactar um técnico de saúde para esclarecimento. Jamais os professores se poderão transformar em médicos e psicólogos e intervir terapêuticamente. A correcta definição de papéis nos estabelecimentos de ensino é uma garantia para o seu funcionamento saudável.
<b>5</b>	A relação afectiva com o aluno e o diálogo interpessoal são a chave essencial para a distinção entre comportamento indisciplinado e a manifestação da doença. Se o aluno puder de facto exprimir o que sente, numa atmosfera de compreensão e tolerância, o professor não terá m dificuldade em estabelecer programas de acção. Impressiona verificar como alguns docentes ficam paralisados, afirmando nada saberem de «drogas» ou de «depressão». É preciso dizer urgentemente a estas pessoas que o primeiro passo a dar face a uma pessoa em dificuldades é criar proximidade com ela. Um professor que não consiga de facto «aproximar-se» de um jovem e possibilitar-lhe um espaço confidencial de diálogo não está a fazer grande coisa numa escola.

**Quadro 1:** Distinção: Indisciplina e Doença Mental.

**Fonte:** Sampaio (2006 p. 14-15).

Nessa perspectiva, Aquino (1998) afirma que o aluno-problema é visto, geralmente, como aquele que padece de determinados supostos "distúrbios psico/pedagógicos"; cujos distúrbios, podem ser de natureza cognitiva ("distúrbios de aprendizagem") ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um amplo conjunto de ações nomeado comumente de "indisciplinadas". Assim, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos educandos representam os dois grandes males da escola atual, geradores do fracasso escolar, e os dois principais entraves para o trabalho docente.

Diante disso, o referido autor parte de três hipóteses para explicar a indisciplina o aluno "desrespeitador", o aluno "sem limites" e o aluno "desinteressado". Na primeira hipótese, *O aluno "desrespeitador"* seria uma explicação da indisciplina a de que o aluno atual é menos respeitador do que o aluno do passado, e que a escola contemporânea teria se tornado muito permissiva, se comparada à rigidez e à qualidade daquela educação de antes.

Conforme Aquino (1998) essa primeira concepção, carece ser repensada urgentemente, pois se restaurar o modelo dessa escola do passado para resolver os problemas pedagógicos atuais, seria preciso reaver também o contexto histórico da época, pelo menos em parte.

Outro dado que precisa ser reconfigurado é a relação de medo e repressão que os alunos tinham das figuras escolares (nomeados atualmente como "de respeito"), logo, essa suposta escola de excelência de antigamente que funcionava. Na maioria das vezes, na base da ameaça e do castigo. Assim, é preciso estabelecer outro tipo de relação em sala de aula com o aluno de hoje (AQUINO, 1998).

Para o mencionado autor, é evidente que uma relação de respeito é condição necessária para o trabalho pedagógico. No entanto, pode-se respeitar alguém por temê-lo ou pode-se respeitar alguém por admirá-lo. Porém, há uma grande diferença entre esses dois tipos de "respeito". O primeiro fundamenta-se nas noções de hierarquia e superioridade, o segundo, nas de assimetria e diferença. E existe uma contradição estrutural entre ambas.

Atualmente, o respeito ao professor não mais pode ocorrer do medo da punição, contudo da autoridade intrínseca ao papel do "profissional" docente. Em contraposição, grande parte dos profissionais da educação preserva de certa forma,

a imagem do professor repressor. Muitas vezes, o bom aluno do cotidiano é aquele calado, imóvel, obediente.

Aquino (1998) diz que é muito estranho perceber que a punição, a represália, a submissão e o medo ainda parecem residir silenciosamente às salas de aula, só que agora, por exemplo, por meio da avaliação, expulsões ou transferências. Sob esse ponto de vista, talvez a indisciplina escolar esteja mostrando que se trata de uma recusa desse novo sujeito histórico, assim como uma tentativa de assimilação da escola de outra forma, mais democrática. Trata-se do bramido de um novo tipo de relação civil. Logo, a indisciplina estaria indicando do mesmo modo uma grande necessidade de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno.

Para o autor em questão, resta saber o que a escola e o professor de hoje visam e qual é o seu papel e função, se são diferentes daqueles da escola de antes, então quais resultados que se tem obtido concretamente, enfim, o autor deixa latente se escola atual está a serviço ainda da exclusão ditatorial ou da inclusão democrática.

Já na segunda hipótese: *o aluno "sem limites"*, Aquino (1998. 183) comenta que outra proposição muito em voga no meio escolar, concerne à pressuposição de que [...] "as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos" [...]. A maioria parece concordar com essa suposição do "déficit moral" como explicativa da indisciplina. Mas esse tipo de compreensão, merece pelo menos dois reparos: o primeiro, refere-se à idéia de ausência total de limites e do desrespeito às regras; o segundo, diz respeito a suposta permissividade dos pais.

Quanto ao primeiro, o autor em questão explica que não é nada estranho a um jovem de hoje em dia a experiência de uma ocasião qualquer conforme as regras muito bem estabelecidas e rigorosas na maioria das vezes. Assim, as crianças quando entram na escola, já conhecem muito bem as regras de funcionamento de uma coletividade qualquer, pois elas são intrínsecas a qualquer tipo de relação grupal.

Logo, Aquino (1998) esclarece que não se pode sustentar que as crianças possuem falta generalizada de regra e de limite, ainda que essa concepção esteja muito difundida no meio escolar. Ao contrário, a inquietação e a curiosidade infantis

ou do jovem, que antes eram apagadas do cotidiano escolar, podem atualmente ser vistas como ótimos elementos para o trabalho de sala de aula, depende somente da maneira que elas são tratadas.

O autor em questão ao explicar sobre o segundo reparo a respeito da falta de limites da criança e do jovem que diz respeito à possível permissividade dos pais que estaria criando obstáculos para o professor em sala de aula, diz que conforme a maioria dos professores, a família, de certo modo, não estaria auxiliando o trabalho do professor, uma vez que as crianças seriam frutos da "deseestruturação", do "despreparo" e do "abandono" dos pais (vale lembrar, procedentes também das décadas de 60/70). E, além disso, os professores teriam se tornado quase "reféns" de crianças opressivas, deixados à mercê de crianças "sem educação".

Diante disso, Aquino (1998) comenta que é muito natural conceber que "criança mal-educada em casa" transforma-se em "aluno indisciplinado na escola". Mas para ele essa afirmativa nem sempre é essencialmente verdadeiro, pois os mesmos alunos indisciplinados com alguns professores podem ser bastante colaboradores com outros

Nesse sentido, o referido autor compreende que é preciso reaver claramente os papéis de pai e de professor. Pois família e escola não são a mesma coisa, e uma não é a continuidade natural da outra.

Quando falamos genericamente em "educação" de uma criança ou jovem, compreendemo-la como resultado conjunto da intervenção da família e da escola. Embora essas duas instituições basais sejam complementares e possam chegar a se articular, elas são bastante diferentes em suas raízes, objetos e objetivos. O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança - essa é a função primordial dos pais ou seus substitutos. A tarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação deste. O resto é efeito colateral, indireto, mediato. (AQUINO, 1998, p.185)

Vale ressaltar que cabe a família a ordenação da conduta da criança, através da moralização de suas atitudes, seus hábitos; no caso da escola, o que se visa é a ordenação do pensamento do aluno, através da reapropriação do legado cultural, representado pelos diferentes campos de conhecimento em pauta, então, Aquino (1998) adverte que há uma grande diferença entre os dois papéis.

Nessa direção, o mencionado autor postula que a indisciplina sugere ser uma resposta clara ao abandono ou à habilidade das funções docentes em sala de aula, pois é somente a partir de seu papel comprovado na ação em sala de aula que eles

podem ter clareza quanto ao seu próprio papel de aluno, integrante ao de professor. Já que as atitudes dos alunos são um pouco da imagem das atitudes dos próprios educadores.

Desse modo, o autor em questão diz que por essa razão, talvez seja possível compreender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso ao qual se fixar, e como uma resposta, ao que se oferece ao aluno. Pode ser compreendida ainda como uma espécie de termômetro da relação do professor com seu campo de trabalho, sua ação e suas funções.

Quanto a terceira hipótese, o *aluno "desinteressado"*, Aquino (1998) explicita que os professores levantam sobre os motivos da indisciplina é que para os alunos, a sala de aula não é tão atrativa quanto os outros meios de comunicação. Por essa razão, existe a falta de interesse e a indiferença em relação à escola, e que a solução, então, seria modernizar a escola com o uso de recursos didáticos mais atraentes.

Mas para esse autor, esse tipo de raciocínio, também merece alguns reparos. O principal deles concerne ao fato mais do que manifesto de que escola não é um meio de comunicação. Pois enquanto os meios de comunicação têm como função a difusão da informação, a escola deve ter como objetivo principal a reapropriação do conhecimento do saber. Logo, o professor não é um difusor de informações, da mesma forma que o aluno não é um espectador. Ele é um sujeito atuante, co-responsável pela cena educativa, parceiro imperativo do contrato pedagógico.

Aquino (1998) afirma que o trabalho pedagógico é muito mais do que a transmissão de determinadas informações, e a inteligência humana não é um depósito de informações, mas um centro processador delas, e essa capacidade se aprende e se potencializa especialmente no meio escolar. É essencial, que se tenha claro que, em sala de aula, o ponto de partida é a informação, mas o ponto de chegada é o conhecimento.

Esse autor diz ainda que é possível que a ação pedagógica seja desencadeada a partir dos subsídios informativos de que os educandos dispõem, porém o trabalho escolar visa, a transformação do pensamento do aluno, e ele se contrapõe aos "dados de realidade" discente. Antes, o mundo do conhecimento contrapõe os saberes sistematizados àqueles pragmáticos, do cotidiano.

Além do mais, o ritmo do trabalho pedagógico é diferente. O tempo de assimilar o conhecimento não é o mesmo das informações. Ele é mais lento, assim



como a inteligência humana é mais seletiva. Sala de aula, deste modo, é o lugar no qual o pensamento carece se debruçar por alguns instantes sobre determinadas indagações fundamentais da vida, aquelas corporificadas pelas questões impostas pelos diferentes campos do conhecimento e seus diversos elementos.

Face considerações apresentadas referentes às três hipóteses levantadas para explicar a indisciplina, ou seja, o aluno "desrespeitador", o aluno "sem limites" e o aluno "desinteressado", Aquino (1998) finaliza sua exposição com a proposição de cinco regras éticas apresentadas na quadro 2 , as quais, conforme o mesmo, fala por si mesmo.

<b>CINCO REGRAS ÉTICAS</b>	
A primeiríssima regra implica a compreensão do aluno-problema como um porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula.	O aluno-problema não é necessariamente portador de um "distúrbio" individual e de véspera, mesmo porque o mesmo aluno "deficitário" com certo professor pode ser bastante produtivo com outro. Temos que admitir, a todo custo, que o suposto obstáculo que ele apresenta revela um problema comum, sempre da relação. Vamos investigá-lo, interpretando-o como um sinal dos acontecimentos de sala de aula. Escuta: eis uma prática intransferível!
A segunda regra ética refere-se à desidealização do perfil de aluno.	Ou seja, abandonemos a imagem do aluno ideal, de como ele deveria ser, quais hábitos deveria ter, e conjuguemos nosso material humano concreto, os recursos humanos disponíveis. O aluno, tal como ele é, é aquele que carece (apenas) de nós e de quem nós carecemos, em termos profissionais.
A terceira regra implica a fidelidade ao contrato pedagógico.	É obrigatório que não abramos mão, sob hipótese alguma, do escopo de nossa ação, do objeto de nosso trabalho, que é apenas um: o conhecimento. É imprescindível que tenhamos clareza de nossa tarefa em sala de aula para que o aluno possa ter clareza também da dele. A visibilidade do aluno quanto ao seu papel é diretamente proporcional à do professor quanto ao seu. A ação do aluno é, de certa forma, espelho da ação do professor. Portanto, se há fracasso, o fracasso é de todos; e o mesmo com relação ao sucesso escolar.
A quarta regra é a experimentação de novas estratégias de trabalho.	Precisamos tomar o nosso ofício como um campo privilegiado de aprendizagem, de investigação de novas possibilidades de atuação profissional. Sala de aula é laboratório pedagógico, sempre! Não é o aluno que não se encaixa no que nós oferecemos; somos nós que, de certa forma, não nos adequamos às suas

	possibilidades. Precisamos, então, reinventar os métodos, precisamos reinventar os conteúdos em certa medida, precisamos reinventar nossa relação com eles, para que se possa, enfim, preservar o escopo ético do trabalho pedagógico.
A última regra ética, e com a qual encerramos nosso percurso, é a idéia de que dois são os valores básicos que devem presidir nossa ação em sala de aula	a competência e o prazer. Quando podemos (ou conseguimos) exercer esse ofício extraordinário que é a docência com competência e prazer - e, por extensão, com generosidade -, isso se traduz também na maneira com que o aluno exercita o seu lugar. O resto é sorte. E por falar nisso, boa sorte a todos!

**Quadro 2:** Cinco regras éticas.

**Fonte:** Conteúdo extraído do texto de Aquino (1998, p. 203).

Diante do exposto, Aquino (1998) adverte que se o professor considerar esses possíveis marcos de convivência no seu cotidiano, os seus "problemas" disciplinares deixarão de ser prioritários, uma vez que elas instauram a intercessão do professor como rumo da ação escolar. Além disso, trata-se do único antídoto contra o fracasso escolar ou os tais "distúrbios de aprendizagem", e também contra a falta de credibilidade profissional que aflige os professores da qual padecem tão severamente nesses últimos tempos.

## **CAPÍTULO 2 - OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Conforme Gentile (2002) a indisciplina atrapalha e incomoda e propõe desafios para o professor e possivelmente, o maior deles, é conquistar a turma, levá-la a produzir mais do que o esperado, e instituir condições para que todos aprendam. Com vistas a transformar o pátio num ambiente educativo, capaz de diminuir a agressividade dos educandos e ajudá-los a se tornar mais participativos e menos indisciplinados.

A autora mencionada explana sobre a maneira adequada de lidar com os alunos que não param de conversar e não participam das atividades, que constantemente deixam de fazer a lição, que faltam com o respeito na sala de aula (xingamentos, agressões verbais e físicas).

Assim sendo, Gentile (2002) aponta três caminhos para compreender e resolver a questão: a diferença entre autoridade e autoritarismo, a importância de compreender a necessidade que o jovem tem de se expressar, e as vantagens de construir pactos com os alunos. Todos esses aspectos para transformar a indisciplina em aliada.

Inicialmente, a referida autora afirma que a “autoridade se constrói”, em outras palavras, para Gentile (2002) não há possibilidade de falar de indisciplina sem pensar em autoridade. Do mesmo modo, que não é possível falar de autoridade sem fazer uma observação, a autoridade é algo que se constrói, isto é, ter autoridade não é o mesmo que ser autoritário. Logo, ameaçar e castigar são atitudes inúteis. O aluno deve aprender a noção de limite, e isso acontece somente quando ele compreende que existem direitos e deveres para todos, igualmente.

Diante disso, apresenta-se no quadro 3 seguinte algumas características que demonstram diferenças entre o professor autoritário e um professor com autoridade:

Um professor autoritário...	Um professor com autoridade...
...exige silêncio para ser ouvido;	..conquista a participação com atividades pertinentes;
...pede tarefas descontextualizadas;	..mostra os objetivos dos exercícios sugeridos;
...ameaça e pune;	...escuta e dialoga;
...quer que a classe aprenda do jeito que ele sabe ensinar;	..procura adequar os métodos às necessidades da turma;
...não tem certeza da importância do que está ensinando;	...valoriza o conteúdo de sua disciplina na construção do conhecimento;
...quer apenas passar conteúdos;	...adapta os conteúdos aos objetivos da educação e à realidade do aluno;
...vê o aluno como um a mais.	...vê o aluno como um ser humano.

**Quadro 3:** Características: professor autoritário e professor com autoridade.

**Fonte:** Gentile (2000, p. 2).

Uma das barreiras mais corriqueiras na hora de aproveitar o mau comportamento a favor da aprendizagem, incide numa atitude comum a muitos professores que é perceber a indisciplina como ofensiva pessoal. Sendo assim, o professor não pode se colocar na mesma posição do aluno, adverte Aquino (1996), pois, para esse autor, quando a desordem se instala, é essencial que o professor aja firmemente. Para fazer isso, não existem fórmulas acabadas, no entanto, um bom caminho é debater o caso com os envolvidos e aplicar sanções que se relacionam ao comportamento em questão.

Desse modo, Gentile (2000) ressalta que o educador deve exercer seu papel, fato que abrange acondicionamento para dialogar a respeito dos objetivos e limitações, e para mostrar ao aluno o que a escola e a sociedade esperam dele.

Outro detalhe importante, consiste no fato daquelas disciplinas que requerem muitas aulas expositivas, e que normalmente os professores não conseguem atenção satisfatória ao falar diante do quadro-negro. Uma das soluções consistem em propor aos alunos, a criação de encenações, assim o desinteresse e a bagunça logo se transformaram em mais concentração (GENTILE, 2000).

Frederick (2002) ao analisar sobre a indisciplina levanta a questão de a mesma ser bagunça ou inquietação, e afirma que:

A indisciplina é uma das maneiras que as crianças e os adolescentes têm de comunicar que algo não vai bem. Por trás de uma guerra de papel podem estar problemas psíquicos ou familiares. Ou um aviso de que o estudante não está integrado ao processo de ensino e aprendizagem.

Cabe ressaltar que o segredo é transformar a contestação em aliada, dando atenção ao jovem e ajudando-o a compreender as questões que o incomoda.

Normalmente, as escolas avaliam como rebeldia, as contravenções às regras de convivência ou ao não ajustamento a um modelo ideal, podendo ser referente ao ritmo de aprendizagem (capaz é quem aprende rápido) ou no tocante ao comportamento (interessa apenas os obedientes). Freller (2002) recomenda que o primeiro passo consiste em conscientizar-se de que a inquietação é intrínseca à idade e compõe o processo de desenvolvimento e de busca do conhecimento. O segundo, se baseia em aceitar as diferenças.

Mas, se a contestação é natural em crianças e jovens, é preciso saber lidar com ela, Gama (2002) concebe que com alunos assim, uma medida interessante consiste em pedir ajuda ao educando para a arrumação da sala, distribuição e recolhimento de material, desse modo, o professor estará incentivando o lado bom do estudante, que ao sentir-se útil sentirá prazer em participar das atividades propostas em sala de aula.

Conforme Silva (2002) para lidar com alunos contestadores é preciso criar situações que os levem a participar da aula, e aproveitar a situação para elogiar suas colocações e propor discussões sobre outros temas, ao ver seus interesses contemplados na classe, o jovem pode se tornar assíduo e participativo. Sendo que congrega as necessidades de ensino-aprendizagem às preferências da turma é uma estratégia sensata.

Gentile (2000) explana também sobre o contrato pedagógico que é um pacto com pretensões e obrigações. Não se trata de definir o que não é lícito fazer na escola, porém de promover um diálogo entre professor e alunos para instituir o que é bom para todos, e aqui, o modelo de uma escola talvez não seja útil para outra.

Sendo, portanto, função do professor falar para a turma, tudo o que cabe a ele para facilitar o ensino, em compensação, é preciso ter comprometimento para que todos possam aprender. Somente dessa forma os jovens encontram sentido nos conteúdos e tornam-se mais participativos.

De modo responsável, todos devem ter espaço para dizerem o que desejam e o que não desejam que aconteça no ano letivo que se inicia. É válido registrar essa

carta de intenções, que pode ser nomeada de contrato, ou de combinado. As regras podem ser válidas para o ano todo, ou para uma atividade específica. Assim como em todo diálogo, esse, do mesmo modo, implica a possibilidade de rever posições, caso seja preciso. “Assim, todos vão incorporar e cumprir as normas de conduta. E a indisciplina, que antes incomodava, se transforma numa grande aliada”. (GENTILE, 2000, p. 3).

A autora em questão, apresenta algumas possibilidades para lidar com o aluno indisciplinado, no quadro seguinte:

<b>COMO ENFRENTAR OS "REBELDES"</b>	
Esqueça a imagem do aluno "ideal"; Observe a criança e o grupo com atenção;	Procure criar situações, com histórias ou brincadeiras, que levem a turma a refletir sobre o comportamento de um ou mais colegas, sem expô-los;
Converse com os que atrapalham a aula, ouvindo suas razões;	Não abra mão do objeto de seu trabalho, que é o conhecimento;
Não rotule o aluno, em hipótese alguma;	Diferencie as aulas, evitando rotinas;
Esclareça as consequências para a aprendizagem das atitudes consideradas inadequadas;	Lembre-se de que os conteúdos podem ser atitudinais, e não apenas factuais e conceituais.

**Quadro 4:** Como enfrentar os "rebeldes".

Fonte: Gentile (2000, p. 4).

Face ao exposto, Gentile (2002, p. 4) enfatiza que "[...] a escola precisa quebrar o círculo vicioso e instalar o benigno, ressaltando as qualidades do jovem e mostrando que ele pode ter liderança positiva". Sendo preciso descobrir o centro de interesse da turma integral, esta é uma excelente estratégia para unir os jovens no processo de aprendizagem.

## **CAPÍTULO 3 - O PROCESSO DA INDISCIPLINA: ENCAMINHAMENTOS PREVENTIVOS**

Um fator importante que deve ser ressaltado trata-se da interação entre a indisciplina e outros aspectos do desenvolvimento psicossocial. Determinados estudos mostram que especialmente as estratégias para prevenir a indisciplina precisam compreender as relações complementares entre a motivação dos estudantes e os seus processos de aprendizagem (STIPEK, 1998 apud GARCIA, 1999).

Do mesmo modo, é importante levar em conta o surgimento da indisciplina no contexto das relações emocionais e intersubjetivas entre docentes e alunos (RATHVON, 1996 apud GARCIA, 1999).

Nessa perspectiva, Garcia (1999) ressalta sobre a importância de haver uma postura comum entre os profissionais da escola, pautada num compromisso de estabelecer e manter uma disciplina estudantil adequada, compreendida como uma condição necessária para o processo ensino-aprendizagem.

Adverte-se para a necessidade das escolas desenvolverem uma diretriz disciplinar que inclua o desenvolvimento de orientações disciplinares claras e amplas, sendo relevante que haja a participação dos alunos no processo.

É preciso também que tais orientações comuns disseminem-se e garanta que todos os alunos, pais e profissionais da escola tenham claras as perspectivas sociais e pedagógicas que estarão sendo realizadas pela escola, tornando-se relevante que, além disso, essa diretriz disciplinar harmonize encaminhamentos preventivos e interventivos, em práticas de sala de aula e que estas sejam conhecidas pelos diferentes profissionais que nela estejam atuando (GARCIA, 1999).

Ressalva-se ainda que as escolas bem disciplinadas procuram ajustar uma política de valorização da aprendizagem, ou seja, precisa-se manter expectativas elevadas quanto ao desempenho escolar, socialização e comportamento dos estudantes.

Além disso, o ambiente da escola precisa ser verdadeiramente humano, pautado no diálogo e na afetividade humana, em que se pratica a observação e a garantia dos direitos humanos (GARCIA, 1999).

Outro aspecto importante consiste na direção da escola oferecer encorajamento e suporte a professores e alunos. É imperativo, que os docentes desenvolvam e conquistem maior autonomia para lidar com a indisciplina de sala de aula, mas é preciso propor um trabalho em parceria, fundamentado em responsabilidades bem definidas e auxiliar nas estratégias voltadas para situações de intervenção da equipe de apoio pedagógico (GARCIA, 1999).

Conforme Jesus e Maia (2010) a indisciplina escolar precisa ser

discutida e pesquisada não apenas no âmbito da relação professor aluno ou no âmbito macro, da sociedade como um todo. É preciso que se volte o olhar para a escola, para sua organização, pois em um certo sentido, é no âmbito do espaço escolar que todos os outros níveis de análise e de intervenção devem ser equacionados, ou seja, é a partir do estudo da complexidade, da organização e da ação da escola que podem ser interpretados/ analisados problemas educacionais como o da indisciplina.

Nesse sentido, Rosa et al (2007) afirmam que as escolas necessitam criar políticas internas para lidar, especialmente de modo preventivo, com a indisciplina, mas existe também a necessidade de se desenvolver programas de formação continuada para docentes sobre a indisciplina, além disso, os cursos de formação inicial precisam fornecer a instrumentalização teórico-prática para o profissional da educação para tratar dessas questões.

Torna-se necessário ainda estreitar as relações entre escola e comunidade, mas, na maioria das vezes esta não é a realidade vivida pelas escolas. Assim, um objetivo a ser alcançado seria expandir o grau de envolvimento dos pais nas atividades para as quais são convidados. Para tanto, é essencial informar constantemente a comunidade sobre as metas, realizações e atividades escolares. (GARCIA, 1999).

Nessa direção, Aquino (1996) adverte para a necessidade de serem construídas práticas organizacionais e pedagógicas que considerem as características das crianças e jovens que frequentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura e conservação dos prédios não podem estar longe do gosto e das necessidades dos educandos, pois quando a escola não tem significado para eles, a mesma força que conduz ao envolvimento, ao interesse, pode se transformar em indiferença ou estourar em indisciplina e violência.



Então, o autor em questão recomenda sobre a necessidade de haver empreendimentos que ofereçam flexibilidade no tempo e espaço do âmbito escolar, que não excluam a possibilidade de discordâncias e nem o debate sobre essas questões, isso pode iniciar uma solidariedade interna que recuse a ordem unitária de comandos, e que gere uma luta pelo coletivo, isto é, uma atividade que rompa com a separação das pessoas e crie uma comunidade de trabalho.

Tal comunidade faz nascer à proximidade do afeto que permite a troca mútua, sem desconsiderar a autonomia e as diferenças das pessoas. Portanto, para que haja essa solidariedade é necessário correr o risco da separação, da hostilidade que permeia toda a esfera escolar e que faz lembrar os alicerces de seu funcionamento. A diversidade de confrontos e o viver ambíguo (entre harmonia e conflito) agregando uma ação coletiva, não atomizada, “[...] são os fatores que concretizam a paixão do estar-junto, o gostar da escola, ainda que apenas para encontrar os amigos” (AQUINO, 1996, p. 81).

Em contrapartida, Santos (2000) sugere que, de modo geral, podem ser identificadas uma diversidade de competências de gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina, logo, essa autora agrupou tais competências em três grandes blocos.

O primeiro bloco trata da gestão do ambiente de ensino-aprendizagem que compreende as estratégias de início do ano, estratégias prévias às atividades e as respeitantes as boas relações interpessoais; o segundo bloco aborda sobre a gestão da instrução e gestão dos comportamentos que compreendem nas estratégias do início da aula, estratégias de motivação e manutenção do interesse do grupo turma e de manutenção do ritmo da aula; e o terceiro bloco, diz respeito estratégias de vigilância e controle dos comportamentos.

Para a autora em questão são as ações que harmonizam e articulam as estratégias destas três áreas, que permitem uma gestão bem sucedida da aula. Essa idéia pode ser representada no agrupamento das três dimensões, conforme se ilustra na figura 1.



**Figura 1:** Três dimensões da gestão de estratégias em sala de aula.

**Fonte:** Santos (2000, p. 6)

Santos (2000) ao analisar as estratégias identificadas na figura acima, começa pelas estratégias do início do ano, que por sua vez demonstram a necessidade de transmitir uma imagem de autoridade e organização, baseada em atitudes de firmeza, coerência e intervenção pronta diante de comportamentos de indisciplina, isso por meio de uma postura mais séria, que estabeleça regras como as deslocções, a comunicação, as relações interpessoais, o material, as convenções sociais; organização da localização dos alunos; utilização de atividades em que se trabalhe com toda a turma, com vistas a facilitar a aprendizagem de comportamentos e procedimentos.

Além disso, considera-se importante no início do ano, buscar informações para conhecer melhor os alunos, e tratá-los pelo nome, essas são estratégias que contribuem para personalizar a relação.

O planejamento das aulas compreende-se numa estratégia de gestão prévia para a direção das atividades na aula, sendo preciso ter domínio com os conteúdos e com a didática, sendo esses aspectos essenciais para que o professor se fundamente também a sua autoridade. O importante parece ser a precisão de impor ritmo para a aula começar. Bem como, é preciso estimular a entrada dos alunos, sem estar de costas para o quadro, ou a conversar/tirar dúvidas individualmente no início da aula, essas são estratégias que colaboram para uma entrada tranquila dos alunos, estabelecendo-se assim a ordem no início da aula.

Para Santos (2000) a manutenção do interesse do grupo compreende uma pluralidade de formas tais como monitorizar o trabalho, não centrar a comunicação apenas em alguns alunos, mas de distribuí-la por todos, sendo preciso variar as estratégias de ensino aprendizagem, variar os arranjos grupais e utilizar uma linguagem clara e acessível. Contudo, a gestão dos comportamentos abrange vigilância e controle e uma boa relação professor-aluno, sendo necessário então estabelecer relações interpessoais positivas com os alunos.

Eccheli (2008) realizou um estudo sobre a motivação como prevenção da indisciplina, e divulga que é possível que a indisciplina nas escolas esteja diretamente relacionada à falta de motivação dos alunos perante ao fato de se verem obrigados a estar numa sala de aula, sem entender o porquê e para quê daquilo, levando-se em conta os conteúdos inúteis ou, ainda que sejam úteis, não entendendo claramente para que servem.

Desse modo, levar os alunos a sentirem-se motivados para aprender é o primeiro passo para a prevenção da indisciplina, e um grande desafio para o professor e a escola. Os docentes esperam alunos que respeitem os colegas e que se engajem em atividades que ordena concentração e empenho para aprender. Mas, esse aspecto não significa que o aluno será silencioso o tempo todo. O silêncio, tão esperado em sala de aula, nem sempre é garantia de aprendizagem, uma vez que o aluno aprende quando participa ativamente de uma atividade, tendo a oportunidade de argumentar as suas idéias por meio de grupos de discussão (ECCHELI, 2008).

Presume-se que uma nova natureza de disciplina possa aparecer, sendo, portanto aquela que expressa perseverança, obstinação, vontade de saber etc. ao contrário da disciplina que evocava silenciamento e submissão, atualmente, pode denotar movimento e força afirmativa, vontade de transpor barreiras. (ECCHELI, 2008).

No entanto, quando se interroga a quem atribui-se a responsabilidade por esta nova forma de analisar a disciplina, a partir da motivação do aluno, outra vez depara-se com um empecilho: “[...] o aluno deve demonstrar interesse espontâneo pelos conteúdos trabalhados em sala de aula ou compete ao professor utilizar estratégias eficientes para despertar tal motivação?” (ECCHELI, 2008, p. 201).

A referida autora responde a essa questão, e explica que o professor enquanto organizador da situação de aprendizagem, pode influenciar o nível de

motivação dos educandos por meio das atividades propostas, das maneiras de avaliação e informações a respeito do desempenho dos alunos nas atividades desempenhadas. Por essa razão, caso o professor deseje promover a motivação, carece fazer um planejamento de tarefas adequadas ao aluno.

Eccheli (2008, 204) esclarece que [...] “Adequada’ aqui denota aquela que “oferece perspectivas de êxito com esforço razoável”, pois, se a tarefa é extremamente difícil para o aluno, não haverá possibilidade de constituir metas que sejam alcançáveis. A prática de desafios mais fáceis beneficia a obtenção de novas habilidades, porém se for mantido o baixo nível de dificuldade das tarefas, elas deixam de ser um desafio, podendo trazer prejuízos à motivação.

Diante disso, Bzuneck (2001, p. 121 apud ECHELII, 2008, p. 205) recomenda algumas estratégias quanto à apresentação das atividades aos alunos:

- a) dar tarefas que contenham partes relativamente fáceis para todos e partes mais difíceis, que possam ser atendidas somente pelos melhores; com isso, todos têm desafios e todos têm reais chances de acertos;
- b) para aqueles que tiverem concluído por primeiro, dar atividades suplementares, de enriquecimento e interesse;
- c) permitir que, por vezes, os alunos possam escolher o tipo de tarefa;
- d) permitir que cada um siga seu ritmo próprio, sem qualquer pressão para que todos concluam juntos; e
- e) alternar trabalhos individuais com trabalhos em pequenos grupos, desde que estes não se cristalizem e todos recebam a devida assistência.

Cabe salientar que a aprendizagem pode ocorrer em melhores condições se o aluno considerar a tarefa proveitosa na resolução de alguma necessidade, de modo a estimular sua competência e satisfação pessoal.

Sampaio (2006) também discorre sobre a escolha de tarefas e atividades na escola, para este autor os novos alunos necessitam encontrar novos ambientes e nem todos os alunos realizam o trabalho igualmente, uma vez que são providos de diferentes desenvolvimentos cognitivos, mesmo quando procedem de famílias semelhantes. Para atribuir sentido e modernidade ao trabalho escolar, torna-se necessário deixar espaço para o imprevisto e à imaginação, assumir coletivamente determinados projetos da escola e vincular o esforço necessário ao cotidiano dos seus atores.

No entanto, Eccheli (2008) afirma que a maneira pela qual os professores prepara as atividades de aula, também provoca efeitos na motivação dos alunos. Se

as atividades são competitivas, a motivação pode ser afetada negativamente, já que no caso de competição sempre há perdedores.

A estratégia que sugere melhores efeitos sobre a motivação dos alunos consiste na realização da atividade em grupos cooperativos, uma vez que instiga o interesse dos alunos para aprender e facilita a possibilidade de conseguir sucesso na tarefa, as mais adequadas são aquelas que admitem diversas soluções, nas quais os participantes dispõem de múltiplas possibilidades para desempenhar o trabalho.

Por outro lado, caso o professor consiga desenvolver atividades que gerem a motivação do aluno, terá menos problemas de indisciplina, já que o aluno motivado dirige sua atenção para a execução da atividade e, por conseguinte sobra menos tempo para se envolver em atos que promovem a indisciplina. “Tarefa complexa para o professor, que precisa ser capaz de perceber as dificuldades e necessidades dos alunos, além de constantemente refletir sobre a sua prática pedagógica e planejar atividades desafiadoras e motivadoras”. (ECCHELI, 2008, p. 211).

Ao contrário de Eccheli (2008), Boruchovitch (2001) assegura que geralmente os docentes concebem como indisciplina aqueles comportamentos que, em sua percepção, atrapalham sua aula, isto é, a não dedicação do estudante de maneira ‘desejável’ aos estudos. Assim, passam a lamentar-se de alunos ‘desmotivados’.

No entanto, o referido autor busca desvincular o conceito de indisciplina do que avalia desmotivação, conforme o mesmo, um mau comportamento em sala de aula ou uma atuação inadequada pode não ter a ver com problemas de motivação, como também comportamentos ‘desejáveis’ e ainda um desempenho satisfatório não representam sinônimos de motivação.

Pois, os efeitos da motivação sobre o educando incidiriam em ele envolver-se ativamente nas tarefas relacionadas ao processo de aprendizagem, independente do comportamento que optasse para isso. Logo, a desmotivação seria ocasionada por não haver investimento, nos recursos pessoais no decorrer da aprendizagem, fazendo exclusivamente o mínimo, ou desistindo simplesmente das tarefas, o que nem sempre se manifestaria sob um comportamento ‘indesejável’ pelo educador.

## DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo voltou-se para atender seu objetivo geral que consistiu em analisar a influência da indisciplina escolar no desenvolvimento educacional na formação dos alunos com vistas a refletir sobre suas causas e a importância dos limites neste processo.

Dedicou-se também a atender seus objetivos específicos que compreenderam em apontar como o professor poderá auxiliar na estruturação de uma disciplina eficiente em sala de aula; apresentar considerações referentes aos desafios enfrentados na formação do docente para auxiliar no problema da indisciplina escolar; verificar as causas da indisciplina escolar e analisar a importância dos limites para os discentes em sala de aula e seus benefícios no desenvolvimento da aprendizagem.

Bem como, considerou-se as observações feitas no estágio supervisionado, propondo-se com as mesmas um paralelo entre teoria e prática, na tentativa de demonstrar a influência da indisciplina no aprendizado dos alunos e as possíveis soluções que os docentes encontram no cotidiano em presença de suas experiências e conhecimentos adquiridos durante sua formação docente.

As observações realizadas no estágio supervisionado revelaram uma realidade aparentemente difícil de ser controlada, pois deparou-se com classes de alunos totalmente indisciplinadas, no sentido de estar durante todas as aulas, fora do controle do professor, que tenta transmitir os conteúdos, em meio a gritos, provocações, atrevimentos e desrespeito com suas presenças.

Nesse cenário de total indisciplina dos alunos, os professores já descontrolados emocionalmente, empalidecidos até, suplicam de momento a momento, um sonoro “cala a boca” sempre acompanhado de fracasso em face de sua desejada autoridade, mas os chamados ficam em vão, já que os alunos em totalidade, não calam, tampouco, ouvem quaisquer palavras pronunciadas pelos professores.

Na tentativa de controlar a situação da indisciplina os professores buscam apoiarem-se na suposta autoridade da diretora da escola, que não investe mais em tentativas de diálogo, e parte logo para tirar os piores alunos da sala de aula, já com ameaça de suspensão temporária e com retorno condicionado das presenças dos

pais, punição esta, que também desemboca em tentativas fracassadas, pois o que parece é que muitos já foram suspensos, e mesmo assim, persistem na idéia de que a sala de aula é palco de demonstrações de desafeto, risadas debochadas, algazarra e total desrespeito ao saber, a escola, e, sobretudo, ao professor, que diante do descontrole da classe não reconhece seu verdadeiro papel diante dos alunos.

Face ao observado no estágio supervisionado, averiguou-se na literatura apreciada neste estudo, que a indisciplina em sala de aula é um assunto muito complexo e de fato interfere no processo de ensino e aprendizagem e nos comportamentos dos sujeitos envolvidos. Entretanto, o estudo de suas causas precisa envolver a análise de diversos aspectos, tais como as composições do poder na escola, as pressões e expectativas dos pais, e o entendimento dos professores em relação à construção de conhecimentos.

Conforme a literatura estudada a indisciplina pode ser manifestada de várias formas, ou seja, desordem, barulho, falta de atenção e de modo mais afrontoso na agressividade, como é o caso observado no estágio supervisionado. Então, nessas circunstâncias é que verdadeiramente a preocupação do docente deve aumentar e ele precisa refletir a respeito da indisciplina do aluno. Pois, além de influenciar diretamente no processo ensino-aprendizagem, a indisciplina dos estudantes pode ter consequências graves para a sociedade, tais como a violência, a criminalidade e o envolvimento com drogas.

Diante disso, educadores, pais e alunos precisam fazer uma reflexão conjunta, já que a indisciplina do educando pode ser decorrência de diferentes circunstâncias e, cada uma tem seus pretextos de existir, sendo assim, precisam ser sempre revistas pelos professores e pais.

Então, para repensar e buscar contornar a questão da indisciplina a literatura estudada, sinaliza para a reflexão de algumas regras, tais como, compreender o aluno-problema como um porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula; fazer uma des-idealização do perfil de aluno; analisar sobre a fidelidade ao contrato pedagógico; realizar a experimentação de novas estratégias de trabalho, e a última regra ética é a idéia de que a competência e o prazer são os valores básicos que devem presidir a ação em sala de aula.

Observou-se ainda que para compreender e resolver a questão da indisciplina é preciso distinguir a diferença entre autoridade e autoritarismo, compreender a

necessidade que o jovem tem de se expressar, e analisar sobre as vantagens de construir pactos com os alunos, esquecer a imagem do aluno ideal; observar o grupo com atenção; conversar com os que atrapalham a aula, ouvindo suas razões; não rotular o aluno, em hipótese alguma; esclarecer as consequências para a aprendizagem das atitudes consideradas inadequadas.

Convém salientar que ao menos na literatura eleita para este estudo, não deparou-se com considerações voltadas propriamente para a importância dos limites no processo da indisciplina, observou-se, portanto, que os limites propriamente ditos, são traços da escola tradicional, o que sugere-se atualmente, é a tentativa de compreensão do fenômeno indisciplina a partir de enfoques que enfatizam aspectos como diálogo, compreensão, motivação, novas propostas pedagógicas para a classe como um todo, em outras palavras, o que se percebe é que o tratamento da indisciplina requer do professor, a desenvoltura de habilidades pautadas em estratégias que tenham capacidade de seduzir o aluno para a proposta escolar, e tal sedução, indica reflexões bastante abrangentes, e contudo, comungam com a escola da contemporaneidade, ou seja, pode-se compreender que a chave para lidar com essa questão, não se limita na alternativa de mandar o aluno calar a boca, mas sobretudo, em conseguir chamar a atenção dos alunos por meio de boas estratégias para ser ouvido.

Vale comentar que considera-se que o estudo realizado foi bastante proveitoso e esclarecedor, pois para um futuro educador torna-se imprescindível compreender as particularidades da indisciplina, para que seja possível atuar com maior proficiência e criticidade, e por consequente, com uma margem de acerto maior, pois observou-se que na atualidade é preciso saber lidar com mestria no cenário da sala de aula, e isso requer habilidade, capacidade criadora e muita envoltura e amor pelo que se faz.

Espera-se que o presente trabalho possa contribuir ainda que minimamente como objeto de estudo para acadêmicos do curso de Biologia ou áreas afins.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. M. A indisciplina no processo educacional de jovens e adultos. **Cadernos IAT**, ISSN 1982-8500, Salvador, v.2, n.1, p. 52-61, 2009. Disponível na World Wide Web: <http://cadernosiat.sec.ba.gov.br/index.php/ojs/article/viewFile/60/38>. Acesso: 29 maio 2010.

AQUINO, J. G.. **Indisciplina na escola: alternativas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.** [online]. 1998, vol.24, n.2, pp. 181-204. ISSN 0102-2555. Disponível na World Wide Web em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200011&script=sci\\_arttext&tIng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200011&script=sci_arttext&tIng=en). Acesso: 10 ago 2010.

BORUCHOVITCH, E. A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores. **Educação**. Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 30-38, jan./abr. 2008. Disponível na World Wide Web em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2754/2102> Acesso: 10 ago 2010.

ECHELII, S. D.. A motivação como prevenção da indisciplina. **Educar**. Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008. Editora UFPR. Disponível na World Wide Web em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a14.pdf> Acesso: 7 ago 2010.

FERREIRA, L. A. M.. A indisciplina escolar e o ato infracional. 2004. **Ação Educativa** Disponível na World Wide Web: <http://www.acaoeducativa.org.br/portal/images/stories/geral/16aindisciplinaescolareoatoinfracional.pdf>. Acesso: 29 maio 2010.

FRANÇA, C. Indisciplina na sala de aula. 2010. Disponível na World Wide Web em: [http://www.eaprender.com.br/tiki-smartpages\\_view.php?pageId=1103](http://www.eaprender.com.br/tiki-smartpages_view.php?pageId=1103). Acesso: 9 ago 2010.

FRELLER, C. C. Bagunça ou inquietação? In: A Indisciplina como aliada. **Revista Nova Escola**, 2002. Disponível na World Wide Web em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/indisciplina-como-aliada-431399.shtml> Acesso: 8 ago 2010.

GAMA, A. P.. Bagunça ou inquietação? In: A Indisciplina como aliada. **Revista Nova Escola**, 2002. Disponível na World Wide Web em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/indisciplina-como-aliada-431399.shtml>> Acesso: 8 ago 2010.

GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **R. paran. Desenv.**, Curitiba, n.95, jan./abr. 1999, p. 101-108. Disponível na World Wide Web em: <[http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista\\_PR/95/joe.pdf](http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/95/joe.pdf)>. Acesso: 29 maio de 2010.

GENTILE, P. A. Indisciplina como aliada. **Revista Nova Escola**, 2002. Disponível na World Wide Web em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/indisciplina-como-aliada-431399.shtml>> Acesso: 8 ago 2010.

GIL, A. C. (1991). Como elaborar projetos de pesquisa. 3ª ed. São Paulo: Atlas. [citado 13 abril de 2010]. Disponível na World Wide Web em: <<http://www.scribd.com/doc/13259802/Como-Elaborar-Projetos-dePesquisa-ANTONIO-CARLOS-GIL-Editora-Atlas>>. Acesso: 13 abril 2010.

JESUS, G. de. MAIA, G. Z. A. Indisciplina escolar: o estudo da percepção da direção e dos docentes de uma escola particular e uma escola pública municipal. 2010. Disponível na World Wide Web em: <<http://www.usp.br/siicusp/Resumos/17Siicusp/resumos/1345.pdf>>. Acesso: 29 maio 2010.

ROSA, D. C.da. CAMPOS, I. P. . FIGUEREDO, J. E. SOUZA, K. SANTOS, L. de O. ROZENG, M. G. S.LOURENÇO, M. K. ROCKENBACH, R. ZANOTTO, M. Indisciplina Escolar: Uma Reflexão Coletiva. 2007. Disponível na World Wide Web em <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Pratica/PDF/47%20Prat.%20Marijane%20III.pdf>> Acesso: 29 maio 2010.

SAMPAIO, DI. Indisciplina: Um signo geracional? 2006. **Cadernos de Organização e Gestão Curricular** ISBN: 972-8353-21-9. Editora: Instituto de Inovação Educacional. Disponível na World Wide Web em: <<http://area.dgidc.min-edu.pt/inovbasic/biblioteca/ccoge06/caderno6.pdf>>. Acesso: 8 ago 2010.

SANTOS, Branca. Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: que competências? Que formação? 2000. Disponível na World Wide Web em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/brancasantos.pdf>>. Acesso: 8 ago 2010.

SILVA, A. C. M. A Indisciplina como aliada. **Revista Nova Escola**, 2002. Disponível na World Wide Web em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/indisciplina-como-aliada-431399.shtml>>. Acesso: 8 ago 2010.

SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto; CARLETTO, Marcia Regina GONÇALVES, Cíntia Azevedo; GRAVONSKI, Edson Jacinski, Isabel Ribeiro; NAZARETH, Lineu Kieras e Aurélio Rodrigues. Indisciplina no Ensino Médio: a concepção de indisciplina e sua repercussão na Prática pedagógica. 2003. **IV Encontro Ibero-Americano de coletivos escolares e redes de professores que fazem investigação na sua escola**. Disponível na World Wide Web: <<http://ensino.univates.br/~4iberoamericano/trabalhos/trabalho005.pdf>>. Acesso: 9 ago 2010.